

REDATOR PRINCIPAL  
ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico Talhava — Lisboa • Telephone 7  
Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## O FALECIMENTO DE NENO VASCO

A morte veio de roubar ao nosso convívio uma das maiores figuras com que podia contar a causa operária em Portugal. Neno Vasco sucumbeu. A BATALHA sente profundamente a perda do seu valiosíssimo colaborador, cuja memória perdurará eternamente nos nossos corações, que uma indizível máguia alancea neste momento.

## NENO VASCO

Uma das últimas páginas  
DE  
NENO VASCO

Neno Vasco, o que tantos anos fui para nós um esforçado companheiro de luta, o que foi para A Batalha, desde o seu início, um colaborador assíduo e valiosíssimo, faleceu na terça-feira última em S. Romão, próximo do Porto, para onde há meses fôra em busca de melhorias, a procurar dominar a implacável doença que o vitimou. A notícia chegou-nos ontem, quando menos a esperávamos, porque nada fazia prever um tão rápido desenlace. Informes que há pouco recebemos do Norte davam Neno Vasco, senão em vias de cura, pelo menos melhor do que quando partira de Lisboa. Soubemos depois que a enfermidade retomara o predominio, mas nunca pela nossa mente passou a ideia de que tam cedo os vissemos privados do forte combatente, do amigo íntimo, do colaborador insubstituível que Neno Vasco era. Nada poderia contrastar-nos tanto, nada poderia trazer tanto de turbação as nossas almas como este estúpido e crudelíssimo golpe prematuro da morte.

O que desapareceu era precisamente o melhor de todos nós. Valorizava-o uma inteligência excepcional, auxiliada por uma cultura invulgar. Estudioso, trabalhoso, dedicadíssimo, Neno Vasco era bem o nosso mestre, sempre solícito, sempre disposto. Mas também uma figura moral de extraordinária grandeza, destas figuras raras de apóstolo que só longe em longe surgem, deslizadas num mundo de perfídia e baixeza, procurando esquivar-se, pelo isolamento, ao contacto nalsão da época em que vivem. A perda que acabamos de sofrer é incalculável, e nas nossas leiras ficará aberto, sabe-se lá por quanto tempo, um lugar muito difícil de preencher.

\* \* \*

O dr. Nanzianzeno de Vasconcelos (pouquíssimos conheciam o nome verdadeiro e a qualidade de bachelar em leis do nosso querido morto) passava quasi desapercebido, pela natural modestia do seu porte, em meio das multidões banas. Vendo-o, ninguém conseguia surpreender-lhe as extraordinárias faculdades. Dir-se-hia que andava envergonhado do seu próprio valor. E ele era alguém, verdadeiramente um homem, nessa época, em que os homens dignos desse nome tanto rareiam, nome pelo cérebro, homem pelo coração, homem pelo carácter. O critério sempre andou apagado, a verdade, e sempre as suas opiniões sobre os problemas que surgiam foram as aceitas, reconhecidas finalmente como mais justas. Ningém, como ele, sentiu tan profunda a rútila beleza da Anarquia, ningém, como ele, procurou harmonizar tan inteiramente os seus actos com os seus princípios.

A tuberculose veio assassiná-lo no preciso momento em que a sua incansável, e os seus ensinamentos preciosos mais necessários eram. E dai, Neno Vasco correu não bem por mor da tuberculose mas mais pelo desgosto que a morte da esposa lhe causou. E assim, cheios de afetividade, os bravos lutadores do Ideal. Neno Vasco caracterizou-se sempre por uma invulgar firmeza de princípios. Isto se demonstrou valentes vezes, a quando da guerra, principalmente, dessa guerra que previra, com uma admirável firmeza, três anos antes. As suas unhas, ansiosamente esperadas respeitosamente acatadas em todos os meios internacionais, souberam manter inalteravelmente o seu caráter libertário, o mais puro e mais elevado. Pôs ao serviço do seu, dos oprimidos, dos desa-

Pouco privou com Neno Vasco conhecendo-o quasi que por tradição. Sempre que o lia, admirava-o, como deve ser admirado um espirito culto e de ternura, trabalhando incessantemente pela emancipação dos povos que ansiava ver redimidos pelo ideal comunista. Escritor distinto, tanto na forma como no conteúdo, impunha-se à nossa admiração não só pelo seu rial valor, como também pela sua muita modestia que em si era naturalíssima.

O seu desaparecimento deixa, sem dúvida, uma lacuna difícil de preencher.

Morreu o homem mas a ideia fica, com ela o seu espírito que em nós revive perduravelmente. Pôs ao serviço do seu, dos oprimidos, dos desa-

## UM ANARQUISTA PELO FACTO

Com Neno Vasco desapareceu a figura mais representativa do anarquismo em Portugal.

Mental e moralmente ele foi tanto quanto é possível dentro das condições deste meio maldito em que sómos forçados a viver — um anarquista de facto e pelo facto. Pelo facto, sim, porque Neno Vasco não se limitou a divulgar teorias anarquistas mas esforçou-se para as praticar, por as propagar também pela ação e pelo exemplo.

Prégrava a necessidade do homem se elevar, se aperfeiçoar, se perfeccionar por uma autoeducação mental e da vontade, e elevou-se, aperfeiçoou-se, superhumanizou-se pelo estudo e pela força de vontade própria.

Compreendendo que, sendo esta sociedade um charco em que a lama é constituída pelos próprios homens, a forma de a limpar é extraí-la da lama, ele contribuiu para essa limpeza saindo do charco. Compreendendo que se o homem é o produto do meio e o meio é a consequência do que são os homens, ele preferiu modificar-se a si próprio para modificar o meio, a pôr-se à espera que o meio o transformasse a ele.

Prégrava o amor à humanidade e começou por ser bom para a sua família, para os seus amigos e para os seus camaradas.

Prégrava contra a ambição e a soberba, e foi sempre um modesto. Prégrava a solidariedade, o respeito pela liberdade e pela vida alheias, e foi tolerante para com todos e nunca atentou nem aconselhou que se atentasse contra a liberdade e as pessoas dos seus adversários. Combateu a violência e nunca foi visto



NENO VASCO

A fórmula comunista é, sem dúvida, infinitamente mais justa e livre. O sentimento de sua justiça superior é, aliás, já antigo nas sociedades, e no seio delas tem recebido aplicações fragmentárias ou impuras, apesar dos privilégios reinantes, apesar das situações e circunstâncias de favor, apesar do parasitismo burocrático.

De cada um segundo as suas forças, é a expressão trabalho do voluntário. Entretanto, é preciso adaptar o esforço colectivo às exigências da produção para que sejam satisfeitas as necessidades gerais, e então pode chegar o momento em que, embora tendo sempre em vista as forças de cada um, é necessário pedir um sacrifício suplementar, que não pesará exclusivamente sobre uma classe de homens, mas será equitativamente distribuído por todos, menos pelos incapazes.

A cada um segundo as suas necessidades: é a expressão da igualdade. De igualdade seria satisfazer do mesmo modo, com igual razão, necessidades desiguais.

Mas é evidente que se trata das necessidades comuns, para cuja satisfação a comunidade organiza os serviços públicos. As necessidades individuais são ilimitadas, e se a sociedade pretende desejá-las, é necessário satisfazer todas as necessidades particulares e restritas, as secundárias e as fantasiais, as que não são gerais ou em quanto o não são, prejudicaria certamente a produção essencial e pediria aos seus membros um esforço excessivo.

Essa tarefa deve ficar entregue à iniciativa, cooperação e labor dos próprios interessados, fora da quota-partes de serviço que tomaram o empenho de prestar à comunidade.

Em conclusão e resumindo tudo: quanto maior for a abundância, mais fácil será a aplicação da fórmula comunista. Mas a abundância tem a nova sociedade que a criar (e só ela a pode criar), exigindo sacrifícios ao trabalho e restrições ao consumo. A sociedade burguesa deixa-nos uma péssima herança.

(Da *Concepção anarquista do sindicalismo*)

Escola Primária Superior  
Ribeiro Sanches

Os alunos que no ano findo transitaram de classe deverão ate ao dia 25 enviar a secretaria da Escola os seus requerimentos de matrícula para o 2.º ano.

Alfredo Neves DIAS

## A PÁTRIA

Para os burgueses, cujos interesses

aliás são internacionais, a "Pátria" não

é o mesmo que para o povo trabalhador, sobretudo os campos: para este,

que ignora fronteiras, geografias e polí

íticas, a pátria é o torrão amado, onde

ele, ali tanto, tanto quisera estar seguro

do pão decade dia e ser verdadeiramente

livre, independente, livre do imposto

que o esmagava, independente do amo

que o explora, sem a ameaça de guerras

causadas por interesses que não são

os seus, sem que lhe viessem roubar os

filhos mais robustos para defesa do

país, sem que a miséria o obrigasse

a emigrar, como um sem-pátria...

Aquilo a que o burguês chama Pátria

, sem tirar nem pôr, o Estado, isto é,

o conjunto das instituições autoritárias

— económicas e políticas — da oligarquia

dominante, o território, os limites con

vencionais e variáveis, sobre o qual se

exerce o domínio político e económico

desse oligarquia.

Eis porque Carlos Marx proclamou

que «o proletário não tem pátria», isto

é, que para o assalariado pobre a inde

pendência nacional não é a independê

ncia económica e política.

Sim, o proletário ama o torrão natal,

o lugar onde cresceu, brincou, amou,

Mas que tem que ver esse amor natural,

espontâneo, voluntário, como o "patrio

tismo" político, que os seus governan

tes e exploradores lhe pretendem impin

gar pela força e pelo embuste?

Porque há-de ser solidário sómente

com os que vivem dentro da mesma

convenção e transição fronteira, em

lugares diversos e para ele desconheci

dos, muitas vezes com hábitos, caracte

res, tradições e dialectos diferentes, e

o não há-de ser com os outros homens,

como o galego com o catalão, o bretão

com o provençal, o gênero com o suíço

alemão, o escocês com o inglês,

sobretudo nessa época de comunicações

rapidíssimas, de trocas incessantes, de

civilização difusa, de emaranhados in

teresses internacionais?

Ainda se ele conquistasse a pátria...

para ter que defender! Antes disso, o

Estado, isto é, a pátria oficial burguesa,

contradiz e mata a pátria natural.

Despojado de tudo pelo proprietário,

sujado ao patrão pela privação dos

meios de produzir, oprimido e espolia

do pelo Estado, com os seus guardas,

os seus impostos, o seu tributo de san

gueira e a abandoná-la, a abandonar os

seus, a abandonar o lar, com o cora

ção dilacerado, em busca de melhor

salário. Que a fronteira se estenda ou

se estreite, para o proletário o torrão

natal será sempre o mesmo e nele se

reunirão as mesmas as suas condi

ções de vida.

O proletário tem uma solidariedade

especial, além da solidariedade huma

na; mas é de classe, é internacional, é

contra todos os governantes e os proprie

tários. E a solidariedade necessária pa

ra abolir as classes, as fronteiras e os

governos; para formar a federação, não

de províncias e de Estados, mas de gru

pos produtivos; para conquistar para

todos a posse da terra, a liberdade de

viver no seu lar e no seu torrão, com

os seus hábitos e o seu modo de ser,

sem peias nem senhores, sem emigra

ção forçada, — para conquistar emin

amente a independência económica e

política de cada um.

Da *Porta da Europa*.

Pinto QUARTIM

## Morreu o Neno Vasco

front revolucionário, e que só muito tarde será substituído.

Figura apagada, sem atraír a atenção, calmo e frio na aparência, ele sentia, no entanto, segundo sua própria expressão, arder dentro em si o fogo inextinguível da paixão anarquista, à qual sacrificou todas as outras paixões, e, pela qual orientou todo o seu procedimento.

Dirigindo-se a Coimbra com preocupações literárias, e chegando mesmo a um acontecimento, ficou-nos pensando, durante alguns segundos, que os tinhamos de certo equivocado; mas em breve, a letra em caratéres bem legíveis, que diante de nossos olhos se continha, apresentando, fez-nos convencer que era facto consumado, e que entre nós para sempre já desapareceria um dos nossos mais activos e dedicados lut

